

Um Caso Curioso

Aube

Eu já tinha ouvido falar de bebê que nasceu com coração minúsculo, bebê que nasceu com coração enorme e até de bebê que não tinha coração. Mas esse caso foi muito difícil de acreditar – porque, de tão raro, ninguém nunca sequer ouviu falar antes dele.

A menina nasceu até muito da normal, como qualquer menina ou menino nasce. Tinha todas as coisas bem direitinhas no lugar, mas a mãe logo notou uma diferença entre ela e os outros filhos que já tivera: os olhos, ora verdes, ora castanhos, eram de uma densidade tão grande que pareciam guardar o mundo.

No primeiro exame, a grande surpresa. O pediatra, com aquele ar misterioso que os óculos na ponta do nariz lhe davam, descobriu que a menina tinha o coração “distorcido” (ele usou esse termo que eu jamais usaria por não encontrar outra palavra), em estranho formato de nuvem. E mais exames e exames para confirmar o estranho caso.

Se eu tou contando é porque é verdade, eu não ousaria mentir para ninguém. Ainda mais falar assim de uma coisa tão séria... A notícia se espalhou pela cidade e todo mundo queria conhecer a menina. Veio médico de tudo que é lugar e até saiu no Jornal Nacional a menina de olhos verdes-e-castanhos que guardavam o mundo e de coração em formato de nuvem.

Até que um pediatra alemão teve a infeliz idéia de abrir o peito da menina em uma cirurgia, dizendo que se fazia necessário estudar o caso, que poderia ser perigoso e blábláblá. Pura curiosidade, não precisava de nada disso, que a menina era saudável, alegre no sorriso sem dente de criança pequena e ainda guardava o mundo nos olhos. A menina não se importava por carregar no peito tão curioso coração, era uma diferença feliz. Mas vieram todos aqueles homens e mulheres de branco, tomados por um ar de Sherlock Holmes quase inumano, assustando a mãe com histórias de alto risco. Terminaram por levar a menina para a sala de cirurgia.

E, então, a surpresa-mor. Olhos arregalados e silêncio na sala – as palavras haviam se

escondido, pasmadas de emoção.

Tudo correu bem, graças a Deus. A menina voltou para casa e ficou tudo muito bem, obrigada.

Saiu de novo no jornal que o caso era insólito, o único documentado na história da humanidade. O que não saiu foi o que os médicos descobriram naquela tarde quando abriram o peito da menina. O coração tinha mesmo o estranho formato de uma nuvem, coisa tão inimaginável, e era azul. O sangue era vermelho igualzinho ao de qualquer bebê do mundo e pulsava quente igualzinho e corria seu rumo igualzinho. Mas o coração era azul, azul como o céu num dia de verão – e esse segredo eles guardaram e dele ninguém soube. Até eu chegar e descobrir com minha visão de raio-x – juro que tenho essa visão incomum e isso é desde o dia em que nasci – até eu chegar e descobrir o coração azul de uma mulher. O que ninguém sabe é que, do que o Jornal Nacional noticiou há anos e anos atrás dizendo se tratar de uma doença rara, eu descobri toda a verdade. Quando se fez o silêncio absurdo na sala de cirurgia há anos e anos atrás porque as palavras haviam fugido, fugiram todas para o coração azul da menina que guardava nos olhos o mundo. Desde aquele dia, era o silêncio fazendo seu destino tomar formas quase que palpáveis. A doença rara nem doença era. Era só mais uma das artes de Deus, colocando nos olhos de um bebê toda a intensidade que poucos seres humanos conseguem alcançar na vida. Colocando no peito de um bebê um coração azul de poeta.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/um-caso-curioso>